

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 14

Data: 8 de fevereiro de 1996

Pg.: 22

Restrição inquieta antropólogos

ELIANA LUCENA
Da Sucursal de
BRASILIA

Até que ponto o pesquisador estrangeiro pode colocar em risco a segurança nacional, trabalhando em áreas de fronteira com comunidades indígenas brasileiras e até onde ele está ocupando o lugar de técnicos brasileiros nesse trabalho? Essas indagações foram amplamente discutidas em Brasília, esta semana, por antropólogos da Universidade de Brasília, missionários, e na área da Funai, depois da notícia de que todos os pesquisadores estrangeiros que estão atuando em áreas de fronteira serão afastados, por decisão dos órgãos de segurança.

Ainda inconformado com a impossibilidade de permanecer à frente do Projeto de Assistência aos Índios Ianomani, que vivem na fronteira do Brasil com a Venezuela, o antropólogo americano Kenneth Taylor não aceita a afirmação de que os especialistas estrangeiros prejudicam os etnólogos brasileiros ao assumirem a direção de importantes programas na Amazônia.

"Trata-se de uma questão pragmática — afirma o antropólogo. Se existissem antropólogos brasileiros especializados nesses grupos que vivem na fronteira, a gente não se engajaria em projetos como o dos Ianomani, Nhambikwara, Ticuna e Maku. Na verdade, estamos 'tapando um buraco' que ainda existe no campo da antropologia aplicada, no Brasil".

Kenneth Taylor mostra-se

preocupado com a possibilidade de uma interrupção do Projeto Ianomani com o seu afastamento e apresentou dados que realmente justificam o seu temor. Antes do início do trabalho de sua equipe na área, da qual participa também sua mulher, a antropóloga brasileira Alcida Ramos, a população Ianomani estava desaparecendo rapidamente, em decorrência dos contatos com os trabalhadores na Perimetral Norte. Ao fim de dois anos, após o início da abertura da rodovia, 20 por cento da população indígena já haviam morrido.

Solução simplista

O antropólogo também não concorda com a solução simplista apresentada pela Funai para resolver a situação dos estrangeiros que serão desligados de seus trabalhos: aproveitá-los em outros projetos e pesquisas em áreas que não sejam de segurança nacional. "No trabalho com qualquer comunidade indígena — afirma — é de fundamental importância o conhecimento profundo da comunidade, seus costumes e sua língua. Estudo os Ianomani desde 1968 e, além de mim e de Alcida Ramos, nenhum outro antropólogo está realmente empenhado na problemática desses índios".

Desabafo Kenneth Taylor: "Até há alguns anos atrás, os antropólogos e etnólogos estrangeiros que vinham ao Brasil enfrentavam uma situação bastante cômoda. Colhiam os dados sobre a comunidade tribal que lhes interessava, voltando em seguida aos seus países de origem para apresentar teses de mestrado e doutorado. Na verdade, ninguém se engajava num trabalho sério, buscando realmente ajudar a essas comu-

nidades. Eu e outros estrangeiros, como Peter Silverwood e David Price, decidimos trabalhar com a Funai, apontando erros e propondo soluções. Somos exatamente o oposto dos especialistas estrangeiros que o presidente da Funai, general Ismarth de Araujo Oliveira criticou esta semana: Não fomos ao exterior falar mal do Brasil, preferimos ficar aqui e trabalhar junto a estas populações que, mais que nunca, sofrem os efeitos das frentes de penetração".

"A decisão do nosso afastamento, na verdade, não prejudicará apenas as nossas carreiras, mas principalmente o índio" — concluiu.

Não se sabe ainda quantos estrangeiros serão atingidos com a decisão do governo. Além dos antropólogos e etnólogos, outros pesquisadores — biólogos, médicos etc. — estão trabalhando com índios em áreas de fronteira. Num rápido levantamento, foi possível identificar dez antropólogos estrangeiros que serão prejudicados: Peter Silverwood, responsável pelo Projeto Ticuna-Maku, no Alto Solimões; Kenneth Taylor, coordenador do Projeto Ianomani; David Price, ligado ao Projeto Nhambikwara, no Mato Grosso; Howard Reid, que pesquisa os Makus; Allan Campbell, escocês que atua junto aos Oiapik, no Amapá; Bruce Albert, francês ligado ao Projeto Ianomani; Scott Hoefle, alemão que pesquisa os Maiongong, em Roraima; P. Aspelim, americano que estuda o grupo Manimande de Nhambikwara; Dennis Moore, americano que está com os Gaviões, em Rondonia; Gregory Urban, que está no Sul do País também em contato com grupo de fronteira.